A área cultural e a tendência crescente para o internacionalismo

A. Carneiro Leão
Universidade do Brasil, Rio de Janeiro

Sabido que o homem só pode viver em sociedade, surge o problema da compreensão dos ambientes aos quais êle pertence e se vincula: ambientes próximos e ambientes distantes.

Nas organizações políticas federativas o funcionamento do Estado já habituou o indivíduo à idéia e ao fato de pertencer a vários meios diferentes em uma ordem concêntrica perfeita. Cidadão de sua cidade, de sua província e de seu país, o homem aceita e estima os laços que o prendem aos âmbitos culturais e sociais, do Município, do Estado e da Federação e não estranha a soma de deveres por êle devida a cada qual, a sua função de *socius* consciente e ativo das três sociedades com direitos e obrigações correspondentes a todas elas.

Aquí o problema inicial é a área de cultura. É de sua compreensão que dependerá a afirmação do tipo cultural, de suas relações e dos seus deveres e direitos com as áreas mais amplas e mais gerais.

Que é, porém, área de cultura?

A zona de um território ou de um país com características. representadas nas tradições, nos costumes, nos hábitos, no regime de vida. Cultura aquí não significa apenas apuro de saber nem desenvolvimento mental, cujo valor, no caso, sería insuficiente. A cultura que nos importa é antropológica e sociológica, resultante da vida —global do homem— física, mental, moral e social. É a soma de atividades, é todo o equipamento material, são todos os fatores imateriáis do grupo. Abrange a vida do indivíduo em relação a si, no passado e no presente, em relação ao grupo atual e pretérito. Caracteriza-se pelo conjunto de tradições e de práticas morais, religiosas, usos, técnicas, literatura, arte, organização política e jurídica, tudo, enfim, quanto constitui seus padrões de vida.

Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía, Mendoza, Argentina, marzo-abril 1949, tomo 3

São as relações íntimas entre o homem, a terra, as plantas, os animais, os outros homens da mesma região que dão vida e forma à área de cultura. São essas relações que, por analogia com as plantas e com os animais, no tocante ao meio —ecologia vegetal e ecologia animal— constituem a ecologia humana.

Para viver em qualquer região torna-se assim indispensável um bom comportamento ecológico dos indivíduos e dos grupos, tanto mais fácil quanto mais naturais forem suas relações com o clima, a vegetação, a fauna. A dieta, a vestimenta, a habitação e o ajustamento do homem aos variados meios físicos e sociais. É verdade que a capacidade de acomodação do homem civilizado se vai tornando prodigiosa, não todavia ao ponto de desconhecer ou descurar a importância do influxo do meio físico e do meio cultural. Para aconselhar ou não a emigração de grupos humanos de uma região para outra seria acertado conhecê-los em seu *habitat* de origem, conhecer-lhes a cultura. Seria mistér verificar-se se o clima, as plantas, os animais da nova região são ou não favoráveis às relações com os recem-vindos. Não se diga que a facilidade de comunicação, o entrelaçamento internacional crescente possa ou deva anular tais diferenças. As exigências e possibilidades de terreno e de clima, as imposições de tradição e de costumes, os regimes adequados de trabalho e de vida, sofrerão certamente modificações mais ou menos importantes, segundo a intensidade das forças interiores nunca, entretanto, até a uniformização universal. Aliás essa uniformização se possível sería o empobrecimento da civilização e a limitação da cultura, plasmada por um só modelo e, portanto, por mais alto que fôsse, incapaz de satisfazer as aspirações de afirmação das diversas comunidades humanas em seu afã milenar pelo progresso. O necessário é aproveitar a cultura estranha, servir-se dela sem sufocar ou matar a própria mas, ao contrário, corrigí-la, ampliá-la, aperfeiçoa-la, enriquecê-la.

Convém ter sempre presente, que a área de cultura é uma etapa forçada, uma condição necessária à sociedade humana, jamais um pretexto para o combate e nem siquer para o desconhecimento dos demais ambientes dentro dos quais os homens e os grupos evoluem. Convem também não esquecer que o nacional e o universal por sua vez não podem nem devem alienar o regional. Sempre houve, é exato, na interação constante dos povos, núcleos de irradiação de cultura que, por condições especiais, em dado momento, influiram nos usos e cos-

φñ Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía, Mendoza, Argentina, marzo-abril 1949, tomo 3

tumes, na literatura e na arte, nos padrões mentais e morais de outras gentes. Bem conhecemos através do tempo como focos de irradiação: Egito, Grécia, Roma, Paris... Se tais focos se fizerem não motivos de imitação mas de estímulo, se se tornarem fontes de estudo, de informação, de método de trabalho e de vida, sua ação será propulsora de progresso social e humano. O de que necessitamos pois é de fugir da imitação artificial e servil, inspirada em razões políticas ou em obsessões intelectuais ou morais, processadas por grupos dominantes de homens de Estado ou, mesmo, de pensamento, fanáticos e inescrupulosos. Tais fatos, perturbadores do progresso e da vida de certos países, é exato, têm sido sempre mais ou menos transitórios. Porque desde que não dominem a massa popular, não se radiquem no cerne do povo, seus efeitos se apagam na primeira oportunidade. Exemplos não nos faltam na história. É o caso relativamente recente dos Estados alemães, fugindo da ação latina no século XVIII, para entrar no círculo francês e sua repulsa a tal influência, a partir do fim daquela centúria e do início da seguinte, pela ação de Lessing, de Klopstock, de Goethe. Infelizmente pela atuação de Fichte, depois da derrota de Yena, e de Hitler, após a primeira conflagração, ela perdeu o censo do equilíbrio entre o regional e o ecumênico, resvalando pelo despenhadeiro que a arruinou, abalando a civilização.

Outros fatos eloquentes são o da Tchecoslováquia e o da Polônia. Ambas, conquistadas e sob o guante secular de nações estrangeiras poderosas, conseguiram renascer para a independência e para a vida nacional por não terem nunca descurado o sentido de sua cultura, estereotipada na língua, na religião, nos costumes, nos hábitos de sua gente.

Como contra-prova do que afirmamos relembramos ainda a velha Gália que, por haver abandonado tradições, costumes, religião, perdeu não só a língua como até o próprio nome.

No tocante à América Latina a causa fundamental de sua decantada inferioridade econômica está, justamente, no desinteresse senão mesmo no desprezo de suas *elites*, durante largo tempo, pelo meio em que nasceram.

O fenômeno perdurou mais ou menos em todos os nossos países, em grau menor aquí, em grau maior alí, até a guerra européia de 1914-1918. A fascinação de todas as classes, que ascendiam pelas condições econômicas ou pela cultura, por um saber acadêmico, não raro

φñ Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía, Mendoza, Argentina, marzo-abril 1949, tomo 3

superficial e inadequado às nossas solicitações, a paixão pela vida na Europa, o desprezo pelo comércio, pela indústria, pelos negócios em geral, foram entregando a mãos estrangeiras todas as nossas fontes de riqueza. Não teve origem diversa nossa ogerisa por outra preparação que não fôsse a intelectualista, por outra profissão que não fôsse a política e o funcionalismo. A incongruência e pobreza de nossos sistemas de educação a um tempo causa e efeito de nossos males, dentro de sua linha lógica, nitidamente separadora entre acadêmicos e manuais ou mecânicos, a indigência de nossa técnica, a fraqueza de nosso arcabouço econômico, senão de nossa economia flutuante e boêmia, dando em resultado a deficiente e defeituosa formação de nossa juventude, a ignorância de nossos problemas básicos, o nosso exagerado urbanismo e o abandono dos meios ruráis, advêm directamente de nosso desprezo pelo regional. Não ha dúvida que, mais aquí, menos alí, se sente, de modo geral, por toda parte uma reação benéfica. Em todo caso convem estar alerta contra a visão opôsta, ou seja, o desprezo, o ódio pelo internacional. Pois não foi o internacional em si que nos prejudicou mas a nossa visão dêle, o nosso comportamento com êle, a nossa compreensão de seu papel construtor de nossa ventura, modelo indiscutível de uma existência fadada pelo destino a uma evolução diferente. Não nos parece contudo difícil a compreensão do fato, a nós que vamos dando ao Mundo, pela construção de um panamericanismo construtor, um exemplo edificante. Nesse espírito cada dia melhor, sem negligênciarmos nossos interesses peculiares, vamos construindo uma unidade atenta à diversidade. Recebendo tudo quanto nos seja útil de fôra alargamos as nossas possibilidades, construindo nossa personalidade, enriquecendo-a, sem alienar nada daquilo que, sendo típico e necessário à nossa vida regional, deve ser conservado, ampliado, desenvolvido. Creio que nenhum outro Continente se encontra melhor preparado para a realização desse equilíbrio. Podemos pois proclamar que o indispensável é aquí, como por toda parte, agora como sempre, e talvez ainda mais do que dantes, evitar a fascinação do estranho, do internacional, do extra-fronteira, sem a queda não menos desastrosa na atitude contrária da obsessão do regional, da auto-suficiência, do xenofobismo, do racismo, do nativismo...

O regionalismo como o internacionalismo tem seu lugar e seu objetivo na formação do homem, dos grupos sociais e das nações. O esquecimento do primeiro acarretaria a perda dos valores inerentes

φñ Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía, Mendoza, Argentina, marzo-abril 1949, tomo 3

às peculiaridades locais, o empobrecimento do todo; o combate ao segundo importaria na sobrevivência dos exclusivismos, das barreiras, das alianças, das ilusões perigosas de superioridade, nos conflitos, nas guerras, na destruição.

Em conclusão: Se se despreza a área cultural que é a parte, evidencia-se o empobrecimento do universal que é o todo. Se só se pensa naquela se desencadeiam conflitos fatais de culturas e em consequência as guerras, as conflagrações. O regionalismo é assim tão necessário ao equilíbrio das relações humanas em um mundo de vasos comunicantes quanto o internacionalismo.

O primeiro, mantendo as cores locais, as energias próprias, valendo-se das possibilidades individuais e sociais, dos interesses específicos, contribui para o enriquecimento do todo.

O segundo, trazendo seu contingente, resultante da soma das contribuições regionais, não só ajudará o ajustamento de cada qual, como incentivará a associação, a cooperação e a solidariedade.

É no equilíbrio dessas duas forças que se encontrará a harmonia da civilização capaz de construir o entendimento e a paz entre os homens.

φñ Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía, Mendoza, Argentina, marzo-abril 1949, tomo 3